



PAR
DIFERENÇAS

Tão longe e, afinal, tão perto

Há casais que, de tão diferentes, ninguém entende como se mantêm juntos. Quatro histórias de pares improváveis comprovam que não é preciso ser igual para se funcionar bem. TEXTO DE **KATYA DELIMBEUF** FOTOGRAFIAS DE **JORGE SIMÃO**



IMPROVÁVEL OS AMIGOS DE PAULA RIBEIRO E JOSÉ RODRIGUES ALERTARAM-NOS LOGO, NO INÍCIO DO NAMORO: COM TANTA DIFERENÇA, AQUILO NÃO PODIA DURAR. HOJE, 27 ANOS PASSADOS, O CASAL BRINDA A ESSES AMIGOS A CADA ANIVERSÁRIO



Não foi fácil descobrir casais muito diferentes que ainda estivessem juntos. Toda a gente conhecia pelo menos um caso, mas, em regra, eram tão diferentes... que se tinham separado. Descobrimos, no entanto, quatro casais assumidamente diferentes, unidos há décadas. E, mais importante, felizes.

Exuberante e extrovertida, “italiana” nos gestos, generosa nas curvas, Paula faz as expensas da conversa. É uma das diferenças mais evidentes deste casal de brasileiros, há 23 anos a viver em Portugal. Zeca é *low-profile*, reservado, calado. Raramente fala, e quando o faz, é para dizer algo com graça. Magro, fleumático, o ex-criativo de publicidade, de 59 anos, dá ares de Woody Allen. Paula Ribeiro e José Rodrigues são os primeiros a reconhecer que são um casal muito diferente: afinal, ele é de pontualidade britânica, ela totalmente latina na relação com o relógio; ela é muito católica, ele “200% ateu”; ele adora cozinhar, ela não estremece um ovo; ele é muito urbano, ela gosta de campo ou de mar. Ele vive e respira futebol, ela não pode nem ou-

vir o som do relato. Ele é madrugador, ela adora passar as manhãs na cama. Ele é “compulsivo a comprar livros”, ela, “a comprar cremes”. Ela adora almoços de família, ele odeia. Ele é fanático por tecnologia, gadgets, Internet; ela usa o computador como máquina de escrever. Ele conduz, ela não. Ela adora Paris, ele detesta tudo o que tenha a ver com franceses. E estas são apenas algumas das suas diferenças... Contudo, Paula e Zeca, criativo e jornalista, vivem juntos há 27 anos, são pais de dois filhos, e continuam a surpreender os amigos, que avisaram que “aquela relação não ia dar em nada”.

Conheceram-se em São Paulo, num filme que ela produzia e ele realizava. “No primeiro encontro, não houve química”, garantem. Uma boleia, umas horas de conversa e umas bebidas mais tarde, chegada às 3h30 da manhã à porta de casa dos pais dela, Paula reparou que não tinha chave. E quando apresentou Zeca, meio eufórica, à mãe, que tivera de acordar, disse-lhe que aquele era “o homem da sua vida”. Mal sabia que passados três meses estariam a viver juntos... Até hoje.

Foram descobrindo (mais) diferenças ao longo dos anos, mas nada que os tenha feito repensar a relação. Algumas eram ponto de

“Comemoramos sempre o primeiro divórcio. Tivemos de passar aquilo tudo para chegar aqui”

partida, outras foram-se acentuando com os anos, como a paixão de Zeca por futebol. Ela aprendeu a não marcar eventos sociais sem perguntar antes se há jogo naquele dia. E, claro, habituaram-se também a fazer concessões. Por exemplo: apesar de Zeca ser muito urbano e gostar de cidades até para fazer férias, foram, pelos filhos, muitas vezes para o Algarve. Hoje, com os miúdos criados, ele já não abdica da embirração por Paris — é fã de Londres, na oposição clássica —, onde se recusa a ir. Terminantemente.

Outras discordâncias não foram tão fáceis



ALTOS E BAIXOS CASADOS HÁ 28 ANOS, FÁTIMA SARAIVA E MANUEL HENRIQUE (FOTO DA ESQUERDA) JÁ SE CASARAM E SEPARARAM UM DO OUTRO DUAS VEZES. HOJE, PARTILHAM DOIS PISOS DA MESMA MORADIA. PARA MARIA HELENA E LUÍS DELGADO, AS DIFERENÇAS IDEOLÓGICAS SÃO AS MAIS DIFÍCEIS DE GERIR

de gerir — como a religião. Paula é muito católica, Zeca religiosamente ateu. “A nossa segunda discussão foi a propósito do batizado dos nossos filhos”, conta ela, para quem era impensável não passar por aquele ritual. Pelo contrário, para ele era inconcebível que um filho seu tivesse de se submeter ao discurso de um padre... “O problema aumentou de tom quando ela insistiu que queria um arcebispo...”, conta Zeca. A concessão ficou-se pelo filho ser batizado, mas “por um padre qualquer”. Ele continuou “laico a 200%”, mas os filhos fizeram a primeira comunhão e andaram em escolas de inspiração católica.

Com tantos traços diferentes, como se consegue conviver bem? “O segredo são dois”, considera ela. “Um é gostar muito da outra pessoa; outro, haver sempre muita educação.” “Dá mais trabalho ser diferente na relação”, diz ele. Mas ela também não gostava de viver com um semelhante, admite. “Já imaginou ter ao meu lado uma pessoa tão excessiva como eu? Nem pensar!” Até porque, no fundo, diz ela, “nós somos muito diferentes, mas temos coisas importantes em comum: valores, ideologia... Nunca nos chateamos por questões de dinheiro. E, com o tempo, vamos ficando mais parecidos que irmãos...!”

Na mesma casa, andares diferentes. Também Fátima e Manuel têm uma vivência feita de diferenças, que, no caso deles, ditaram altos e baixos na relação. A sua história é de encontros e desencontros, de tolerância e de novas oportunidades. Casados há 28 anos, com várias interrupções — divorciaram-se e tornaram a casar-se, voltaram a separar-se e juntaram-se de novo —, vivem em dois andares da mesma vivenda, embora cada vez mais no piso dela. Assumem-se mais felizes hoje do que nunca. E confessam ter precisado de todas aquelas fases para chegarem onde estão.

Afirmam sem pejo não terem “nada a ver um com o outro”. “Nada. Nem em termos de feito, atitude, maneira de estar na vida...” Quando casaram, não tinham consciência das suas diferenças, dizem. Hoje, assim de repente, conseguem elencar uma série delas: “Eu sou muito extrovertida, ele muito introvertido. Ele é muito seguro de si, eu sou absolutamente insegura.” (“Achas?”, interrompe ele. “Eu acho exatamente o contrário.”) “Eu sou primária, muito explosiva. Tudo o que sinto tem de sair na hora. Ele analisa, pensa, e se for preciso, só diz anos mais tarde... Eu sou de sair, ele é de estar em casa. Eu sou mais espiritual, ele é superracional. Ele é muito mais equilibrado fi-

nanceiramente, eu só agora começo a ser... Eu sou católica, ele é ateu. Ele é do Benfica, eu do Sporting. Gostamos de filmes diferentes, livros diferentes, música diferente.” A lista parece infindável. Mas, afinal, o que une estes dois?

Fátima Saraiva, 52, e Manuel Henrique, 55, conheceram-se muito cedo, tinha ela 15 anos e ele 18. Quatro anos mais tarde, começaram a namorar, e cinco depois casaram. Tiveram dois filhos, mas cinco anos volvidos, estavam a divorciar-se, “por incompatibilidade de feitos”. Completam: “Também muito por interferências da família. Sogros, padrinhos, pais, moravam todos connosco. Havia discussões todos os dias. Não tínhamos espaço para crescer enquanto casal.”

O corte, no entanto, esteve longe de ser total. “Fazíamos programas com os miúdos, passávamos o Natal juntos...”, contam. Passou um ano, em que até tiveram experiências com outras pessoas. Até que perceberam que queriam voltar a juntar-se. Quatro anos mais tarde, casaram, segunda vez. “Precisávamos de viver o casamento que ainda não tínhamos vivido. Fizemos a cerimónia em casa, a lua-de-mel em Sesimbra... Soube melhor”, partilham. O segundo matrimónio durou dez anos. E, desta vez, o motivo da separação foi diferente. Uma relação paralela ditou a saída de Manuel de casa. Um ano mais tarde, a pergunta “de quem é que eu gosto?” levava-o de volta aos braços de Fátima. Ela aceitou-o, não sem dificuldade. Optaram pela co-habitação, em pisos diferentes da mesma moradia. E a coisa foi-se fundindo: “Às vezes, ele vinha dormir cá abaixo; outras vezes, ia eu lá acima... Arranjámos um ponto de equilíbrio com os dois espaços.” “Hoje, até passamos mais tempo juntos, mas não sinto necessidade de ele estar sempre a meu lado.”

No dedo, cada um usa quatro alianças: “A original, a dos 25 anos de casamento, outra de ‘almas gémeas’, e outra que foi prenda de Natal.” “Tivemos de passar por tudo isto para chegarmos onde estamos... Hoje, consideramo-nos extremamente felizes. Acho que nunca estivemos tão bem juntos.”

Não quer isto dizer que as diferenças tenham desaparecido. Ela continua a ser muito perfeccionista. “Para mim, numa escala de 0 a 20, tem de ser 21; para ele, acima do 10 está bom...” E organizada, ao contrário dele. “No último cruzeiro que fizemos, ele nem sabia para onde ia”, conta. Mas “as diferenças já não pesam da mesma maneira”, garantem. “Aprendemos a respeitar-nos, e a aceitar o outro como ele é.”

Aqui nunca se morre de tédio. Em casa de Maria Helena e Luís Delgado, as diferentes ideologias são um tema quente — tanto que se evita, em alturas de campanha eleitoral, abordar o assunto, “para a conversa não azedar”.



MOLDAR PARA MARIA CELESTINA E ROGÉRIO PRAZERES. CASADOS HÁ MEIO SÉCULO, AS DIFERENÇAS FORAM UMA DESCOBERTA PÓS-CASAMENTO. “EU TENTO MOLDÁ-LO”, ADMITE ELA. “MAS SE VIVESSE OUTRA VEZ, GOSTAVA DE EXPERIMENTAR UM FEITIO IGUAL”, DIZ

“Ele é muito paciente. Mas a paciência dele irrita-me! Se pudesse, tornava-o mais ativo”

Já se sabe, pelas provas do passado, que dá discussão. Casados há 21 anos e pais de 4 filhos, a socióloga e o engenheiro conhecem bem as suas diferenças. “Alguns gostos, ideologia, formas de estar na vida...”

Luís é filiado num partido de direita, Helena é tendencialmente de esquerda. O 25 de abril de 1974 formou-os politicamente. O pai dele era empreiteiro em Setúbal, e viu uma série de prédios serem ocupados e destruídos. O pai dela trabalhava na EDP, trazia propaganda política para casa, e ela assistia ao medo da mãe de que ele fosse apanhado. Aos 16 anos, quando se conheceram, já Luís chamava a Helena “a comunista”, no grupo de amigos, que era de direita. Hoje, não se tenta falar de política à mesa.

Mas existem outras diferenças. Como o facto de ele nunca cozinhar, nunca ir ao supermercado, por achar que a perde nos corredores, nunca fazer a cama, depois de ela ter ido

puxar os lençóis, uma vez, que ele tinha feito; de ele ser mais conservador e mais rígido com os filhos. Ou de ela ser madrugadora e ele noctívago: “Quando vamos de férias, eu vou sempre à praia de manhã, pelas 9h, e o resto da família só sai de casa depois de almoço”, conta Helena. “À noite, a partir das 23h, eu estou boa para ir para a cama, e ele fica nos bares, com os filhos mais velhos.” A lista continua: ela lê muito, ele não pega num livro — não gosta. Ela considera-o “um info-excluído”, ele chama-a de “info-dependente”. Ela usa Facebook, msn, ele tem um único endereço de e-mail... Também não conseguem ver televisão ao mesmo tempo. “Eu adoro os anúncios, ele faz sempre *zapping*. Aliás, quando ele chega à sala, eu levanto-me sempre e ‘dou-lhe’ a televisão”, conta Helena. Ele adora touradas, ela não pode nem ouvir falar do assunto. Ela anda regularmente de avião, ele evita a todo o custo. “Mas de resto, encaixamos perfeitamente”, diz ele, rapidamente. “Com quatro filhos, nunca deixámos de ir a lado nenhum.”

Os amigos consideram-nos muito diferentes, mas acham-nos “o casal ideal”. “Como é que tanta diferença se aguenta?”, perguntam. “Acredito que mais tempo duram duas coisas diferentes que duas coisas iguais”, diz Luís. “É o princípio da roda dentada, do encaixe”. “Deve ser mais fácil duas pessoas iguais relacionarem-se”, diz ela, por sua vez. “Mas nós nunca morremos de tédio. E isso parece-me mais interessante...”

“A paciência dele irrita-me!” Maria Celestina e Rogério Prazeres, 73 e 74 anos, estão casa-

dos há meio século. Reformados, a viver em Setúbal, lembram um bocadinho aqueles avós “marretas” que embirram um com o outro — até ele desligar o aparelho auditivo e assim se obter silêncio... Neste caso, é ela quem veste as calças. Ele sorri, acena que sim com a cabeça, sentado no seu lado do sofá. “A minha mulher fala muito mais do que eu”, dirá, mais à frente. “Eu gosto de ouvir. E muitas vezes não dou a minha opinião”, acrescenta, com um encolher de ombros. “Faço muito poucas perguntas”. “Já eu, faço as perguntas todas”, contrapõe ela.

“Só após o casamento nos apercebemos das nossas diferenças”, assegura Maria Celestina, que namorou quatro anos e meio “por carta”, quando tinha 19 anos e era professora no Algarve, e ele chefe de correios em Almodôvar. “Nestes 50 anos, sempre nos picámos. Eu gosto das coisas todas arrumadas nas gavetas, ele deixa tudo aberto... Ele é muito despreocupado, eu preocupo-me com tudo. Eu sou muito frontal, ele é inibido. Eu sou muito ativa, ele muito parado... Ele é muito paciente, e a paciência dele irrita-me!”

“Fui sempre tentando modificar o meu marido, para melhorarmos de vida”, confessa ela. “Eu assim com jeitinho, moldo-o...”, diz Celestina. “Não, não”, desperta Rogério, “eu é que aceito aquilo que acho que devo aceitar”. E os opostos, será verdade que se atraem? “Eu acho que sim”, diz ele, “para que se possam completar — como é o nosso caso”. “Não sei se os opostos se atraem”, hesita ela. “Às vezes, gostava que o meu marido tivesse o meu feitio...” ■